Esta obra está sob o direito de Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

A CONTRIBUIÇÃO DO NEUROPSICOPEDAGOGO E DA FAMÍLIA NAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGENS DOS ESTUDANTES

Maria Vanisia Jacinto da Silva dos Santos[1]
Ivonise Maria Cordeiro Mascarenhas[2]
Rosemaire Mascarenhas Costa[3]
Ana Lúcia Nogueira da Silva Nascimento[4]
Luiz Carlos Bastos Da Rocha[5]
Avelina Pereira Barros[6]

RESUMO

O artigo analisa o fracasso escolar dentro de uma realidade social em que o papel da escola está voltado para a aprendizagem, o da família em fazer o acompanhamento pedagógico junto a escola e o do neuropsicopedagogo em auxiliar na superação dos problemas de aprendizagem ali encontrados. Tem por objetivo mostrar a importância da família no processo ensino-aprendizagem, analisar a atuação do neuropsicopedagogo de forma eficaz na aprendizagem dos nossos alunos no **contexto escolar** e refletir sobre o fracasso escolar tão presente no cenário das escolas. É uma pesquisa bibliográfica baseada em artigos científicos, levando em consideração o dia a dia do professor e as perspectivas que possibilitam sanar o fracasso escolar junto a família e ao profissional da neuropsicopedagogia. Essa pesquisa mostrou que alguns docentes ainda continuam sem saber lidar com o fracasso escolar, sentindo-se despreparados para fazer essa mediação entre o indivíduo e o objeto de estudo e por isso se faz tão necessário o trabalho do neuropsicopedagogo para se compreender como acontece o processo de aprendizagem. A partir desse estudo, percebe-se que se faz necessário a intervenção de um neuropsicopedagogo nas escolas, pois essa área do conhecimento tem atuação, estudos e pesquisas, que se constitui na interface entre Educação e Saúde, lidando com o processo de aprendizagem em nível institucional e clínico focando nas análises dos processos de aprendizagem humana de forma preventiva para que de fato o aluno atinja a aprendizagem.

PALAVRAS CHAVES: Estudo de Validação. Lesão por Pressão. Avaliação Educacional.

1 vanisiasilva8@gmail.com
2 ivonisemcm@hotmail.com
3 rosemaire.rosas@hotmail.com
4 ananogueiraa@gmail.com
5 luizcarlosbastosjr@hotmail.com
6 avelina.pereira@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Cada época traz consigo uma nova forma de incluir o diferente. Oportunamente o fracasso escolar tornou-se um caso de inclusão, visto que, a criança que não consegue atingir a aprendizagem acaba recebendo rótulos e sendo excluído mediante os colegas. Os termos pejorativos de "burro e não sabe nada", são corriqueiros na sala em que alguns alunos não conseguem acompanhar os demais colegas na aprendizagem. Sabendo que a inclusão tem realce nas legislações e regimentos nacionais, se faz necessário buscar métodos novos e parcerias para que o fracasso seja sanado do cenário escolar.

Com o impulso das políticas públicas de inclusão, é necessário apreender e definir os desafios atuais da escola, com o propósito de buscar novas orientações para a educação. O fracasso escolar atualmente, ainda é um desafio para a escola, pois grande parte dos profissionais da educação ainda não inovaram sua forma de ensinar e o fracasso escolar continua sendo um dos grandes vilões das últimas décadas. Com isso, há um declínio do papel "formador" da escola e uma crise existencial do aprendiz, que acaba tornando-se um ser passivo no ambiente escolar conduzindo-o ao fracasso.

Embora sejam muitos problemas em questão que a escola necessita superar, não se pode negar que as influências familiares e o não acompanhamento em casa das tarefas escolares podem fazer do trabalho educativo um fracasso. Muitos são os desajustes detectados na educação e dentre eles pode se citar a questão familiar tão defasada no processo ensino aprendizagem.

Um item de suma importância para se buscar o sucesso escolar é a articulação família e escola. Essa parceria tem base reconhecida pelas leis nacionais. O Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8069/90) em seu artigo 4º determina: "é dever da família[...] assegurar com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à [...] educação[...]". Ainda no artigo 55 da mesma lei, os pais são chamados a responsabilidade para que a criança chegue a escola, atribuindo esta obrigação aos mesmos. Art 55: "os pais ou responsável tem a obrigação de matricular seus filhos ou pupilos na rede regular de ensino". Faz-se necessário que as políticas públicas busquem incentivar a participação efetiva da família no desenvolvimento do aprendiz, de maneira que haja uma sociabilidade entre processo educativo-escola- família.

A família é o primeiro vínculo da criança e é responsável por grande parte da sua educação e da sua aprendizagem. O que a família pensa, seus anseios, seus objetivos e expectativas com relação ao

desenvolvimento de seu filho também são de grande importância para o neuropsicopedagogo chegar a um diagnóstico, caso trate–se de uma patologia.

Logo o neuropsicopedagogo preocupa-se com o problema da aprendizagem humana buscando inicialmente o processo de estudo das características da aprendizagem tais como se aprende, como a aprendizagem evolui de forma significativa e se a mesma encontra-se condicionada a diversos fatores, por isso há o questionamento de como se produzem as alterações na aprendizagem, como reconhecê-las, tratá-las e preveni-las.

Em vista disso, justifica-se a necessidade de aprofundamento nesta temática, pois é inegável a contribuição do neuropsicopedagogo para sanar os problemas de aprendizagem que rotineiramente são apresentados pelos estudantes. Em vista disso, percebe-se que a construção da aprendizagem não depende apenas do professor, mas este precisa se adequar as demandas do aluno, que depende de sua interação com o meio, com a família e com os avanços que ocorrem no meio educacional.

Assim, o presente artigo tem por objetivo mostrar a importância da família no processo ensino-aprendizagem, analisar a atuação do neuropsicopedagogo de forma eficaz na aprendizagem dos nossos alunos no contexto escolar e refletir sobre o fracasso escolar tão presente no cenário das escolas.

Esse trabalho tem como caminho metodológico a pesquisa bibliográfica com o intuito de analisar e registrar informações sobre o tema em estudo e é de suma importância para os profissionais da educação, pois apresentará reflexões baseadas nos conhecimentos adquiridos e fundamentados por teóricos relevantes na temática.

Para entender melhor a temática abordada, o artigo versará sobre os seguintes tópicos: fracasso escolar: patologia, falta de interesse ou desmotivação? Como o docente pode motivar o aluno a estudar? A intervenção do neuropsicopedagogo no contexto escolar. Em seguida, as considerações finais.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura tradicional, não sistemática, descritiva, de natureza qualitativa e bibliográfica, já que a análise se realizou em diversas fontes de pesquisas como conteúdo de livros, artigos científicos, sites, dissertações, teses e bibliográficas virtuais.

2. FRACASSO ESCOLAR: PATOLOGIA, FALTA DE INTERESSE OU DESMOTIVAÇÃO?

Vive-se um presente de transformações e hoje se percebe que as pessoas também mudaram. Essa mudança tem refletido bastante no comportamento humano. O conceito de família passou por alterações, pois por tradição a ideia de família estava associada a pai, mãe e filhos. Atualmente esse conceito ampliou-se e família dentro desse contexto agora se constitui em um grupo de pessoas que habitam em uma mesma casa, ligadas por afeto ou parentesco. No contexto escolar, a família tem um papel de destaque, de parceira no processo ensino aprendizagem e por isso, precisa está lado a lado com a escola para que o processo de ensino e aprendizagem busque caminhos que elevem a autoestima do aprendiz e consequentemente, torne-se melhor o seu desempenho na concepção de realização de tarefas.

Assim, para que o processo de ensino e aprendizagem seja coerente com a prática docente, nesse (processo ensino-aprendizagem) devem ser inseridos conteúdos que estejam dentro da realidade do aluno para que o mesmo não se sinta tão longe do aprender, pois a relação é estreita entre o que se aprende e o que se ensina.

Quando se ensina, deve-se ter por objetivo a ação de instigar, orientar, criar condições, direcionar, preparar, organizar e operacionalizar as várias situações de aprendizagem para que o aluno tenha condições de se apropriar do conhecimento e assimilar o saber.

Dessa maneira é indispensável se pensar em educação sem instrução, se pensar em instrução sem ensino e se pensar em ensino sem o aprender e sem o acompanhamento da família. À medida que o aluno tem um saber real, de imediato ele exterioriza esse saber dentro da sociedade de acordo com o seu tempo, pois educação não se sustenta sem instrução. Quando se instrui dá-se a permissividade ao aluno de refletir sobre uma ação colaborativa, participativa e conjunta, de forma que se chegue ao aprender. Nesse aprender está à dúvida, o erro, a possibilidade de revisão e alteração que leva o aprendiz a situação de aprendizagem.

Assim, quando essa aprendizagem não acontece, o aluno sente se fracassado, derrotado e perde o gosto pelo estudo. Conforme, José Maria Puig Rovira (2004, p.83); “a escola não deve criar indivíduos apáticos, desanimados ou desmoralizados [...] não há pior fracasso escolar que produzir alunos com tão baixa autoestima”.

Quando o aluno se sente desmotivado, o trabalho escolar passa a ser um empecilho, a aprendizagem não acontece e a escola passa a não ter significado. Sucesso e fracasso são experiências vivenciadas por todos, mas quando esse fracasso está ligado a escola, a marca é bem mais profunda, pois, o

sentimento de incapacidade algumas vezes acaba deixando muitos aprendizes na metade do caminho.

De acordo com Marchesi (2004.p.132) “os conceitos de autoestima, habilidade, esforço e experiência de fracasso estão no núcleo explicativo da desmotivação generalizada dos alunos”. Logo, quando o aluno generaliza esse fracasso, qualquer tarefa escolar que for realizada por ele não terá sucesso, visto que, tarefa e autoestima não conseguem interligasse.

À escola então, cabe interferir elevando a autoestima do aprendiz e não enfatizando que se ele não conseguiu foi por que não houve interesse.

Porém, o sucesso e o fracasso também estão ligados à escola, que, por não conseguir preparar bem esse aluno acaba por ficar com o sentimento de despreparo e tem dificuldades de trabalhar com a realidade demonstrada pelo indivíduo. Essa dificuldade gera questionamentos para a escola que num ato defensivo começa a tachar o baixo rendimento escolar do aluno de doença ou falta de interesse por parte do aprendiz.

Logo, refletir sobre a elaboração e planejamento de um currículo que gere no discente o interesse pelo estudo, se torna primordial, pois é na escola que o sujeito deve ser preparado para lidar com suas angústias e desilusões, porém, a família também, precisa está próximo incentivando nessa caminhada, para que as angústias não venham a tornar-se uma patologia.

O fracasso é uma mazela, uma doença social, causada pela exigência da sociedade. Na escola, por exemplo, o aluno é explorado por teste de nível intelectual e quando não consegue atingir o resultado esperado pela escola geralmente recebe rótulos e é deixado a margem do conhecimento.

Weiner (1979; 1985) dedicou-se a estudar as causas que levariam o aluno ao fracasso e sucesso escolar. Esse teórico atribui às causas do sucesso e fracasso escolar a existência de três dimensões: a internalidade (causas internas ou externas vivenciadas pelo sujeito), a estabilidade que traz a tona as causas estáveis ou instáveis e a controlabilidade que são os assuntos que podem ser controláveis ou não pelo sujeito.

Partindo do pressuposto da existência dessas três dimensões, pode-se dizer que as causas internas do sujeito diz respeito ao seu bem estar, ao passo que as influências da família, do professor, da sociedade e das atividades diárias constituem-se causas externas. O sujeito possui angústias e essas são exteriorizadas nos ambientes de sua vivência. De acordo com sua estabilidade essa angústia pode mudar para algo positivo ou simplesmente

torna-se inalterável, podendo ou não ser controlada pelo sujeito.

Assim, o grande papel da escola nesse momento é preparar esse cidadão para que ele seja um indivíduo socialmente ativo, desenvolvendo com nitidez suas competências cognitivas e sociais, de maneira que a aprendizagem aconteça em interface com a realidade que se faz presente.

Dentro dessa perspectiva, pode-se então deduzir que a interação professor-aluno exige cumplicidade e que esta só irá ocorrer quando existir uma relação de confiança e comunicação, tornando o processo ensino-aprendizagem um instrumento de satisfação da interiorização do saber.

Logo, fracasso e sucesso escolar estão interligados as emoções e a motivação recebida no contexto escolar e familiar. Para querer ser um bom aluno é necessário despir-se da indefensabilidade aprendida e ir em busca da aprendizagem, do prazer pela descoberta, sinalizando estratégias positivas e relacionando o êxito com o esforço.

De acordo com Cordié p.25: "A curiosidade, o prazer da descoberta e a aquisição do conhecimento fazem parte da dinâmica da vida".

Assim como não dá pra ser um bom professor utilizando apenas o quadro e o giz, também não dá para ser um bom aluno sem a busca pelo conhecimento, sem a motivação da escola e sem o acompanhamento familiar.

Partindo dessa assertiva e citando D´Ambrósio (1999), "Educação é ação". É isto que requer todos os jovens que desafiam a sala de aula, que tem o desejo de aprender e que querem fazer a diferença.

A diferença está no fazer de cada pessoa, logo, os termos patologia, falta de interesse e desmotivação não cabem dentro de uma instituição que faz a diferença e ao lado de aprendizes que buscam o sucesso.

3. COMO O DOCENTE PODE MOTIVAR O ALUNO A ESTUDAR?

O sistema educativo é por excelência aquele que preserva as normas e os bons costumes. Ele concentra toda a energia em jovens que possuem aptidões e que se adequam a essas normas e sem querer generalizar, colocam em segundo plano, aqueles que não as tem.

Os jovens que ficam em segundo plano geralmente apresentam insucessos que reflete tanto no ambiente escolar quanto no meio social. É preciso que o docente ao se deparar com um quadro desmotivante por parte do aluno, o instigue e o motive a superar. Em alguns casos, o discurso do docente é disfarçado e acabam por vezes discriminando o aluno ao dizer: "esse aí não tem jeito, sei mais o que fazer

não", etc., expressões estas que limitam a aprendizagem. Outros ainda dizem: "também com a família desestruturada que tem, não aprende nada"!

Enquanto docentes se ocupam de procurar uma justificativa para maquiar o problema do fracasso escolar, os alunos desmoronam, sem ajuda. Esse momento não é de ocultar o fracasso, mas de busca de motivação e de ajuda profissional neuropsicopedagógica para que o discente possa ir em busca de uma melhor qualidade na educação.

Um dos objetivos da educação é resgatar os alunos, dando significado as suas singularidades e a forma que a educação tem para motivar o aluno é mostra-lhe que o saber não é interditado e que se pode chegar ao ápice da aprendizagem sendo persistente.

Conforme Tiba (2011, p.92) "a verdadeira motivação tem de nascer da própria pessoa". O educador pode, no entanto, descobrir quais estímulos podem ser utilizados para que o aluno sinta-se seduzido e motivado a estudar, porém, o desejo de valorização e de motivação precisa partir do seu eu.

Conforme Marchesi (2004), a falta de motivação está ligada a um conjunto de fatores: experiências fracassadas, falta de confiança, incontrolabilidade de causas externas, falta de habilidade para condução de suas condutas e uma avaliação negativa de sua própria autoestima. Em suma, esses fatores influenciam no processo ensino aprendizagem, dependendo do modo como o aluno percebe a aprendizagem para si e de suas expectativas para o aprender. Ao professor o primeiro requisito a adotar para atribuir sentido a aprendizagem, é entender em que consiste a falta de autoestima e o que é preciso fazer para resolver a situação e investir nas possibilidades de êxito do aluno.

O professor ao adentrar sua sala de aula é interessante observar o comportamento do aluno e mostrar sua total atenção, pois quando ele percebe que o professor não está interessado nele, por si só, ele se auto justifica, expressando sentimentos negativos e ao invés de tentar a aprendizagem, acaba por abandonar a escola.

Geralmente, o fracasso escolar está atrelado a itens como reprovação, evasão, indisciplina, incapacidade, incompreensão, falta de interesse, incompetência e falta de autonomia.

Marchesi (2004), citando (Mccombs e Whisler,1989; Solé,1993; Miras,1996), elenca algumas razões que levam um aluno a não encontrar sentido na aprendizagem escolar. São eles:

Essas quatro razões citadas pelo autor, trazem consigo alguns requisitos que necessitam de uma reflexão pelo professor.

O aluno fica sem motivação quando, não está claro o que ele deve fazer pra responder a atividade ou simplesmente quando o que foi explicado pelo professor foi incompreendido por ele.

Os conteúdos escolares precisam estar ligados a sua realidade para que o aluno desperte o interesse pela atividade e tente resolvê-la, caso contrário, não sentirá vontade de aprender.

É necessário que haja uma motivação, um conhecimento prévio do conteúdo a ser estudado para que o aluno se sinta a vontade para participar e contribuir com suas experiências para o processo ensino aprendizagem e para isso, a autonomia deverá ser trabalhada.

E por fim a mais cruel das razões, o sentimento de incompetência. Esse sentimento desperta no aprendiz uma auto avalição e essa se associa a inutilidade. Sentindo-se inútil não terá esforço para se comprometer a solucionar as atividades que lhe são propostas.

Em suma, de acordo com Marchesi (2004), o professor e a metodologia adotada por ele, pode vir a ser o grande responsável pela falta de motivação de alguns alunos. No entanto, sabe-se que existem outros fatores, inclusive externos que acarretam consequências negativas e que influenciam em maior ou menor grau sua motivação para o estudo.

O fracasso então toma conta da ausência de sentidos do aprendiz e produz a desmotivação, que atinge não só quem a estuda, mas também a escola e a família.

Dentro desse contexto, os problemas de aprendizagem são construídos na trama da organização familiar e social que lhe outorga significações.

Quando se pensa em fracasso escolar, logo se pensa em reprovação tanto escolar quanto social. A reprovação está ligada ao erro e o erro justifica-se pela não aprendizagem ou incompetência do aluno. Segundo Carvalho (1997, p.12):

> Quando associamos erro e fracasso, como se fossem causa e consequência, por vezes nem se quer percebemos que, enquanto um termo- o erro- é um dado, algo objetivamente detectável, por vezes até indiscutível, o outro – o fracasso- é fruto de uma interpretação desse dado, uma forma de o encararmos e não a consequência necessária do erro[...].

Assim, é conveniente destacar que essa associação erro e fracasso tem uma consequência que pode ser resumida a insatisfação e insucesso. O erro leva a insatisfação, ao não conhecimento do objeto e o fracasso leva ao insucesso, ao "sentimento de não sou capaz, não consegui, sou incompetente".

Para todos os estudantes o sucesso escolar é importantíssimo, já que seu desempenho como pessoa está vinculado em grande parte à sua atuação como aluno.

Para a família, o sucesso escolar dos filhos é quase que um atestado social de êxito dos pais como educadores, pois se o filho passa de ano, tem êxito nas atividades escolares, é porque os pais foram boas influências e estavam mais presentes na educação escolar.

Para a escola, alunos com bom desempenho escolar, em geral significam profissionais bem sucedidos no futuro. E o que acontece com os alunos que não conseguem ser bem sucedidos?

Quando o problema do fracasso volta-se única e exclusivamente para o aluno, a escola, o sistema educacional, as condições sociais e a família se distanciam da responsabilidade que pesam sobre eles e o fracasso será sempre do aluno. Dentro do contexto escolar, é preciso que haja motivação por parte do professor para com o aluno e uma didática que faça sentido para ele continuar a estudar.

Individualmente, o estudante, a escola ou a família não são linearmente responsáveis pelos problemas de aprendizagem ou em última análise, do sucesso ou fracasso escolar, mas a combinação entre fatores congênitos e as experiências vivenciadas nesses ambientes, levam a emersão das predisposições existentes e que podem ser desencadeadoras potenciais dos transtornos de aprendizagem. Os estudantes com dificuldades de aprendizagem, de baixa autoestima, de sensação de incapacidade e fracasso devem ser encorajadas a superarem seus problemas a partir de suas reais potencialidades. De acordo com Marchesi e Pérez (2004, p. 32):

> É preciso romper essa dinâmica e propiciar que o aluno tenha experiências positivas que melhorem sua autoestima e que o revigorem para manter o esforço em tarefas posteriores. Para isso, é necessário que o professor ajuste a tarefa às possibilidades de cada um e mantenha as expectativas positivas para a aprendizagem de todos os seus alunos.

Em suma, ao professor não basta explicar bem a matéria que ensina e exigir que o aluno aprenda. É necessário despertar a atenção do aluno, criar nele interesse pelo estudo e estimular seu desejo de conseguir os resultados visados mediantes tarefas progressivas.

4. A INTERVENÇÃO DO NEUROPSICOPEDAGOGO NO FRACASSO ESCOLAR

O profissional da Neuropsicopedagogia apropria-se de um papel de veemente importância na abordagem da incógnita da dificuldade de aprendizagem de estudantes em idade escolar. As dificuldades encontradas durante esse período são esperadas, entretanto necessitam ser supridas, fazendo-se necessárias algumas intervenções distintas das normalmente utilizadas. Outro fator a ser considerado é a aprendizagem significativa, pois a mesma expressa o processo pelo qual o estudante adquire, assimila e transforma conhecimentos, habilidades, competências, comportamentos e valores que são de suma importância para a aquisição do conhecimento. Nessa, novos conhecimentos que se adquirem relacionam-se com o conhecimento prévio que o aluno traz consigo e cabe ressaltar, trata-se de um processo dinâmico em que o novo conceito formado passa a ser um novo conhecimento, que pode servir de futuro ancoradouro para novas aprendizagens (AUSUBEL et al., 1980; MOREIRA, 1999a, 1999b.). Assim, quando um neuropsicopedagogo chega a instituição escolar, acredita-se que ele vai sanar e erradicar todos os problemas da escola, sejam eles de aprendizagem, indisciplina, evasão, exclusão, desestímulo docente e entre outros.

No entanto, o trabalho é específico e abrangente e toda estrutura educacional necessita estar envolvida e ciente das metas estabelecidas no Plano Político Pedagógico (PPP) para que quando o neuropsicopedagogo se depare com os desafios e habilidades tais como: competência, visão de mundo e conhecimento teórico/prático os mesmos possam ser o recurso que determinará o sucesso de seu trabalho. Na instituição escolar, por exemplo, a intervenção neuropsicopedagógica deve abordar o trabalho em conjunto onde todos queiram alcançar um único objetivo: o sucesso escolar dos alunos. Por tanto é inegável a importância desse profissional.

Assim declara Solé (2000, p. 29) que essa intervenção tem um maior alcance quando realizada no ambiente em que o aluno desenvolve suas atividades e por meio das pessoas que, cotidianamente, se familiarizam com ele, dado que as técnicas de aprendizagem se relacionam diretamente com a socialização e a aproximação dos alunos no contexto sócio - educacional em que os mesmos estão inseridos.

Na prática, quando o estudante consegue desenvolver suas capacidades intelectuais através de estímulos, da atenção, da memória e do pensamento lógico crítico, de fato acontece a

intervenção neuropsicopedagógica de forma eficaz. Logo, cabe ao profissional da educação possibilita aos seus estudantes oportunidades para que o conhecimento para a vida aconteça.

Partindo da hipótese de que o estudante, ao chegar à escola, já carrega consigo uma diversificada experiência instrutiva provinda do meio em que vive, é papel dos docentes orientar e guiar o conhecimento a partir de uma prática vivenciada e concatenada à realidade do estudante, fazendo-o deixar para traz o sentimento negativo de derrota e fracasso.

Assim. todo processo requer a participação da família e da instituição escolar, que devem estar conectada numa única finalidade, e assim constituir meios afetivos e de estimulação cognitiva de forma que estas intervenções se tornem eficientes e alcancem seus reais objetivos que é o resgate do gosto pelo aprender.

CONCLUSÃO

Apesar de vivermos em mundo onde a mudança parece ser frequente, percebe se que a grande mudança deve iniciar no mundo interior do ser humano. O docente, por exemplo, está tendo dificuldades para se relacionar com o mundo social que seus alunos apresentam e isso tem trazido à tona o critério de negativo e positivo dentro do processo ensino aprendizagem e esse repercute para o discente em fracasso e sucesso escolar.

Os professores acabam achando-se inativos mediante seu lado profissional, por sentirem-se despreparados e não conseguir sanar o problema que tão constantemente se apresenta no cenário escolar: o fracasso por parte do aluno. Mediante esta inatividade os professores buscam fazer um resgate trabalhando a parceria escola e família na busca do sucesso para todos os envolvidos

As atividades escolares pedem mudanças de paradigmas e cabe ao professor responder às necessidades dos estudantes e deixar de lado os pensamentos negativos: “do não sei como fazer” e “esse menino não tem jeito” e arregaçar as mangas para chegar ao sucesso de ambos

Logo, o ensino requer parceria e o neuropsicopedagogo flui como um estrategista nesse sentido, pois, através do diagnóstico clínico, irá identificar as causas dos problemas de aprendizagem e buscar intervenções com o objetivo de identificar a melhor forma do estudante aprender e o que de fato poderá estar causando o bloqueio na aprendizagem. Porém, se o professor não se sentir capacitado, o aluno não se sentir motivado, não haver ajuda profissional e a família não participar do processo educativo, o ensino será em vão, pois alunos não percorrem sozinho para o aprendizado, é necessário um mediador que o encoraje para que a aprendizagem aconteça, pois

sozinho ele (o aluno) não dará conta do processo ensino-aprendizagem.

Por fim, é importante ressaltar que a escola deve criar um vínculo entre aluno – família- escola e promover ações que gerem motivação para o bem estar dos sujeitos, revertendo o quadro de fracasso para o sucesso tão almejado entre os envolvidos no processo educativo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9394 de dezembro de 1996.

CORDIÉ, A. **Os Atrasados não Existem**. São Paulo: Artes Médicas, 1993.

HOBSBAWM, E. (1996). **A Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras.

MARCHESI, A; PEREZ, E. M. **A Compreensão do Fracasso Escolar**. In: MARCHESI, A; GIL, C. H & Colaboradores. Fracasso Escolar: Uma perspectiva multicultural. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MARCHESI, A; COOL, C. PALACIOS. J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação.** In: MARCHESI, A. Os alunos com pouca motivação para estudar. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MOREIRA, Marco A., MASINI, Elcie F. Salzano. **Aprendizagem significativa. a teoria de David Ausubel.** São Paulo: Moraes, 1982.

MONEREO, Carles; SOLÉ, Isabel. **O assessoramento psicopedagógico: uma perspectiva profissional e construtivista**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

ROVIRA, J.M.P. **Educação em Valores e Fracasso Escolar**. In: MARCHESI, A; GIL, C.H & Colaboradores. Fracasso Escolar: Uma perspectiva multicultural. Porto Alegre: Artmed, 2004.

TIBA, Içami. **Pais e Educadores de Alta Performance.** São Paulo: Integrare Editora, 2011.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza**. Psicologia da aprendizagem** Petrópolis: Vozes, 28º edição,1987.

DAVIDOFF. Linda L**, Introdução à psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 2001.

SAMPAIO. Simaia. **Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagógico Clinico**. 3 eds. Wak Editora